

---

## O PLANO DE TEXTO DA NARRATIVA CONTADA POR REMANESCENTE QUILOMBOLA

### THE TEXT PLAN OF THE NARRATIVE TOLD BY REMNANT QUILOMBO

Josinaldo Pereira de Paula<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este trabalho investiga a forma composicional-estrutural das narrativas contadas em um inquérito de fala. Estes inquéritos são as transcrições de seis eventos reais de comunicação entre um entrevistador e moradores remanescentes quilombolas das comunidades Pêga, Engenho Novo e Arrojado, da cidade de Portalegre/RN. Os inquéritos supracitados compõem o livro “A fala dos remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil”, organizado por Souza, Mendes e Fonseca (2011). Para este trabalho, analisamos o plano de texto da narrativa do Lobisomem e da narrativa encaixada situadas no inquérito 04. A perspectiva teórica que adotamos advém dos pressupostos da Linguística do Texto, com foco na Análise Textual dos Discursos (ATD). No campo da Análise Textual dos Discursos, recorremos a Adam (2011), Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010), Passeggi et al. (2010), Rodrigues et al. (2012). Com base nesta abordagem, observamos que o plano do texto é responsável pela estrutura composicional, especificamente pela noção de sequências, que está situada no nível do texto localizado no nível 5 (N5) do esquema 4 de Adam (2011). Para a discussão da sequência narrativa e do plano de texto, recorremos a Adam (2011), Passeggi et al. (2010), Queiroz (2013) e Herrero Cecilia (2006). Concluímos que o plano de texto não obedece a uma ordem contínua, mas segue a simetria sugerida por Adam (2011). Assim, o plano de texto contém: Resumo, Situação inicial, Nó, Re-ações, Re-ação, Narrativa encaixada, Resumo, Re-ação, Desenlace, Situação final e Encerramento. Quanto à narrativa encaixada, observamos seu uso como orientação argumentativa e também segmentações do plano de texto.*

**Palavras-chave:** *Análise textual-discursiva; Plano de texto; Sequência narrativa.*

**Abstract:** *This work investigates the compositional-structural form of the narratives included in a speech survey. These surveys are transcriptions of six real communication events between one interviewer and remnant quilombo residents in the communities of Pêga, Engenho Novo and Arrojado, from Portalegre/RN. The surveys abovementioned composed the book “The speech of quilombo remnants from Portalegre of Brazil”, organized by Souza, Mendes and Fonseca (2011). For this work, we analyzed the text plan of the narrative of the Werewolf and the embedded narrative situated in survey 04. The theoretical perspective we adopted follows the assumptions of Text Linguistics, with focus on Textual Discourse Analysis (TDA). In Textual Discourse Analysis field, we relied on Adam (2011), Rodrigues, Passeggi and Silva Neto (2010), Passeggi et al. (2010), Rodrigues et al. (2012). Based on that approach, we observed that the text plan is responsible for the compositional structure, specifically for the notion of sequences, which is situated in the level of the text located in level 05 (L5) of schema 04 by Adam (2011). For the discussion of narrative sequence and text plan, we called on Adam (2011), Passeggi et al. (2010), Queiroz (2013) and Herrero Cecilia (2006). We concluded that the text plan does not follow an ongoing order, but the symmetry suggested by Adam (2011). Therefore, the text plan contains: Abstract, Initial situation, Node, Re-actions, Re-action, Embedded narrative, Abstract, Re-action, Denouement, Final Situation and Coda. Regarding the embedded narrative, we observed its use as argumentative orientation and also segmentations of the text plan.*

**Keywords:** *Textual Discourse Analysis; Text plan; Narrative sequence.*

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Portalegre, Brasil, e-mail: [naldo.portalegre@gmail.com](mailto:naldo.portalegre@gmail.com)

## **Introdução**

Os estudos da Linguística Textual (LT) apresentam o texto como entidade superior e complexa, que só se realiza na sua totalidade por meio da interação. As pesquisas em LT também revelam que a partir desta interação os sentidos são (re)construídos em um processo dialógico entre o texto e seus interlocutores. Também, nesta perspectiva, Guimarães (2009) apresenta uma necessidade de delimitar, ou identificar, os limites e convergência entre o texto e o discurso.

Desse modo, para este trabalho tomamos como base os estudos da Análise Textual dos Discursos (ATD) de Adam (2011) com as contribuições de Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010), Passeggi *et al.* (2010), Rodrigues *et al.* (2012). Tais estudos fazem a relação entre texto e discurso, mas a partir do conteúdo semântico gramatical, conhecido pela ATD como proposição-enunciado ou proposição enunciada, uma vez que a ATD parte do conteúdo linguístico para, por ele, realizar a descrição e interpretação dos conteúdos semânticos e pragmáticos discursivos presentes em diversos textos concretos.

A partir dessa abordagem, observamos que o plano do texto é responsável pela estrutura composicional, especificamente, pela noção de sequências do esquema 4 de Adam (2011) situado no nível 5 (N5). Em relação às discussões referentes às sequências narrativas e aos planos de textos, buscamos os estudos de Adam (2011), Passeggi *et al.* (2010), Queiroz (2013) e Herrero Cecilia (2006).

A nossa questão de pesquisa é a seguinte: qual o plano de texto da sequência narrativa na narrativa do lobisomem e da narrativa encaixada contada pelo remanescente quilombola de Portalegre do Brasil? Para respondermos a essa pergunta temos como objetivo analisar o plano de texto da narrativa do Lobisomem e da narrativa encaixada, ambas no inquérito 04 do livro “A fala dos remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil”, organizado por Souza, Mendes e Fonseca (2011).

Assim, nas análises, apresentamos excertos para após fazermos a análise do plano de texto da sequência narrativa.

## **1 Metodologia**

Usamos como *corpus* o e-book *A fala dos remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil*, organizado por Souza, Mendes e Fonseca (2011), no qual são transcritos seis (06) inquéritos de fala em eventos reais de comunicação entre um entrevistador e moradores das

comunidades quilombolas do Pêga, Engenho Novo e Arrojado. Estas são comunidades de remanescentes quilombolas da cidade de Portalegre, estado do Rio Grande do Norte.

Como recorte desse *Corpus*, selecionamos a narrativa do Lobisomem e uma narrativa encaixada neste mesmo relato. Ambas as histórias estão localizadas no inquérito 04 entre as linhas 243d a 422d por um remanescente quilombola de oitenta e quatro anos que afirma ter se encontrado duas vezes com um Lobisomem e lutado pela sua vida. Para nos referirmos a esse senhor usaremos o código H84. A letra “d” ao lado do número da linha refere-se ao inquérito em que está localizado o texto. Este é o procedimento dos autores do e-book, pois eles já disponibilizaram todas as linhas enumeradas de forma distinta a cada inquérito, colocando letras em ordem alfabética ao lado de cada linha dos inquéritos, por exemplo, 1a, 2a correspondem ao primeiro inquérito, 1b, 2b correspondem ao segundo inquérito e, assim, sucessivamente.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, uma vez que “os significados, a interpretação, surgem da percepção do fenômeno visto num contexto” (TRIVIÑOS, 1987, p. 129). Dessa forma, a partir de um contexto específico, o pesquisador se coloca como fator principal de sua pesquisa, pois é ele quem, a partir dos dados e do método utilizado, realiza as interpretações.

Para realização da pesquisa é necessário focar em qual método científico ela está enquadrada. Lakatos e Marconi, (1993, p. 83) afirmam que:

Método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que se devem empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa. Os métodos que fornecem as bases lógicas à investigação são: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico.

Nesse sentido, seguindo as orientações das autoras citadas, seguimos em nossa pesquisa o método dedutivo, uma vez que partimos de um estudo global sobre determinado campo científico para a compreensão de um caso específico. Esse método, segundo Silva (2001, p. 25), “tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão.” Assim, iniciamos através de estudos de textos teóricos e, em seguida, aplicamos a teoria em um *corpus* particular.

A pesquisa é descritiva e interpretativa. Para Gil (2008, p.42), a pesquisa descritiva “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou

fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Nesse sentido, a partir da descrição interpretamos qual o plano de texto na narrativa escolhida como *corpus* de análise.

A pesquisa se caracteriza como documental. Para Gil (2008, p. 45):

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes/Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

Assim, partimos de um documento que é o e-book e que esses textos concretos ainda não tiveram um estudo analítico em uma perspectiva do plano de texto desta narrativa.

Após esse norteamento metodológico, a seguir iniciamos o nosso capítulo teórico.

## 2 Análise Textual dos Discursos

A Análise Textual dos Discursos (ATD) é um campo teórico-metodológico que articula a Linguística Textual (LT) e a Análise do Discurso (AD). Os estudos em ATD começaram no Brasil com a chegada do texto *A linguística textual: Introdução à análise textual dos discursos* de Jean-Michael Adam. Diante dessa nova abordagem de interpretar o texto e o discurso, Adam (2011, p. 43) afirma que “é sobre novas bases que propomos, hoje, articular uma linguística textual desvincilhada da gramática de texto e uma análise de discurso emancipada da Análise de Discurso Francesa (ADF)”. Essa emancipação da gramática de texto e da ADF ocorre devido ao entendimento de que a gramática de texto não pode ser considerada uma ciência do texto, diferente da Linguística Textual que preenche as lacunas teóricas e estuda o texto ciente de toda a sua complexidade.

No que se refere à ADF, Adam (2011) posiciona seu afastamento afirmando que “a AD não fez uma reflexão específica sobre o estatuto do texto, menos ainda uma teoria específica do texto – teoria que seria congruente com suas problemáticas” (ADAM, 2011, p. 43). Por essa razão, Adam (2011, p. 43) afirma que seu ponto de vista teórico será em uma “análise de discurso tal como é delineada por Dominique Maingueneau (1991, 1995)”, ou seja, uma AD desvinculada das discussões de Michel Foucault, que apresentou estudos em análise dos discursos relacionados ao poder dentro das práticas sociais, a sexualidade, o conceito de verdade, estudos da psicologia etc., como também, de Michel Pêcheux, que

trouxe os conceitos de formação discursiva para os estudos da AD entre outros. No entanto, Adam (2011) se detém em uma AD que leva em conta as pesquisas sobre os estudos dos gêneros como práticas discursivas. Assim, surge uma nova preocupação teórica que consolida este atual momento de estudos da linguagem no que se refere ao texto e à construção dos sentidos a partir dos discursos.

Ainda sobre o surgimento da ATD, Queiroz (2013) afirma que:

a ATD é uma área de perspectiva teórica, metodológica, descritiva e interpretativista que concebe ‘o texto e o discurso em novas categorias’ que se complementam e são condicionadas mutuamente. Assim sendo, podemos interpretar que a ATD tem a sua origem na LT, mas que a sua perspectiva teórico-metodológica se enquadra na área da Análise do Discurso. (QUEIROZ, 2013, p. 22)

Com a autora, entendemos que a ATD tem a sua base na LT buscando os seus conceitos de texto, enquanto interação, juntamente com os estudos da textualidade, sequências, enunciado, entre outros, mas com uma perspectiva metodológica situada na AD. Ou seja, as análises em ATD buscam os sentidos discursivos dos textos por meio dos conceitos já estabelecidos pela AD, uma vez que os sentidos são construídos pelo cotexto e pelo contexto, respectivamente termos da LT e da AD.

Em suma, Adam (2011, p. 63) afirma que a ATD tem como objetivo:

[...] teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto. (...) concerne tanto à descrição e à definição das diferentes unidades como às operações, em todos os níveis de complexidade, que são realizadas sobre os enunciados.

Na colocação do autor, entendemos que a ATD estuda os discursos através do encadeamento dos enunciados, em um determinado contexto sociocultural, ou seja, é uma cooperação contínua dos aspectos textuais e os discursivos buscando um objetivo específico na interação entre os sujeitos.

Nesta concepção, para Herrero Cecilia (2006, p.151),

el texto es al mismo tiempo resultado de la actividad discursiva (enunciación) de un sujeto que se dirige a un interlocutor en una situación de comunicación determinada, y una unidad semántica de comunicación organizada en torno a un tema (encadenamiento de proposiciones integradas

en secuencias dentro de un esquema composicional que confiere unidad al conjunto).

Nesta rede de informações sobre o texto e o discurso, entendemos como os dois se completam, uma vez que não é possível a existência de um sem o outro, ou seja, do texto emana o discurso e esse discurso leva em conta o produtor, a formação discursiva, o lugar e o tempo em que se pronuncia/escreve, como também os objetivos do locutor no momento que o constrói. No mesmo sentido, não há discurso se não estiver inserido em um texto com todas as escolhas linguísticas feitas por este locutor para, assim, alcançar o objetivo pretendido.

Com o objetivo de compreendermos os conceitos relacionados aos níveis do discurso, recorreremos a Adam (2011) que associa o cotexto e o contexto sendo um interdependente do outro na produção dos sentidos. Neste sentido, Adam anuncia que as relações textual-discursivas são formadas co(n)textualmente e explica:

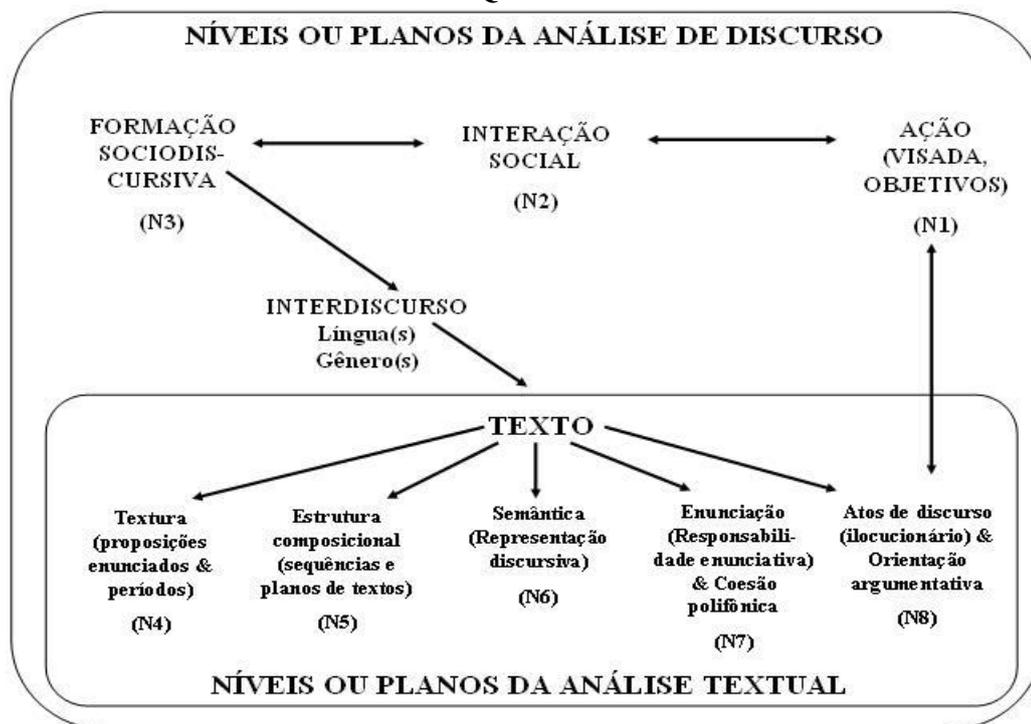
escrevemos ‘co(n)texto’ para dizer que a interpretação de enunciados isolados apoia-se tanto na (re)construção de enunciados à esquerda e/ou à direita (cotexto) como na operação de contextualização, que consiste em imaginar uma situação de enunciação que torne possível o enunciado considerado (ADAM, 2011, p. 52-53).

Como exposto pelo autor, as escolhas linguísticas co-textualizadas indicam sentidos diversos, pois a ordem do léxico ao ser colocado no texto determina qual sentido o locutor de um discurso quer atribuir àquela situação discursiva. Por exemplo, “O homem grande/O grande homem” temos duas frases, com sentidos diferentes. Na primeira temos um adjetivo que passa para o substantivo o seu sentido de dicionário da própria palavra, ou seja, um homem alto, forte ou gordo. Na última, temos uma ideia abstrata de grande, pois não denota esse sentido apenas de dicionário, mas sim, atribui predicados a esse substantivo, como honestidade, educação, sucesso entre outros atributos.

No que se refere à contextualização, compreendemos que seja o lugar, tempo e as pessoas envolvidas no discurso, pois os sentidos não surgem prontos e não dependem apenas da materialidade linguística do texto, mas de todos esses fatores envolvidos que torna possível a situação discursiva e a comunicação através da linguagem.

Para este entendimento cíclico entre o texto e o discurso, Adam (2011, p.61) apresentou o esquema 4 em que mostra os níveis de análise de discurso e esta relação entre o texto e o discurso e , assim, propõe as categorias de análise para a ATD. Vejamos o esquema:

**ESQUEMA 4**



Esquema 4 – Níveis ou planos do texto e do discurso  
Fonte: Adam (2008, p. 61).

Nesse esquema 4, visualizamos um quadro maior que está relacionado aos planos da análise do discurso e dentro deste o que se refere ao plano do texto. Assim, entendemos que os níveis do texto direcionam o locutor para um nível maior: o discurso. Observamos também um jogo de setas com pontas duplas que nos levam a entender essa ideia circular de relação entre o texto e o discurso. Dessa forma, no esquema, o autor nomeia os níveis ou planos de análise de discursos. O (N1), nomeado de ação visada, é o momento em que o locutor usa a linguagem para formar um discurso, oral, escrito, verbal ou não verbal, com o intuito de alcançar algum objetivo comunicativo. A partir desse momento, passamos para o (N2), que é a interação social, em que esse discurso, para alcançar seu objetivo, precisa estar em interação com o outro. E, assim, chegamos ao (N3) do esquema, referente à formação discursiva que

determina o que pode ser dito (articulado sob a forma de uma harena, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÉCHEUX; FUCHS, 1997 *apud* MAZZOLA, 2009, p.13).

É respeitando a formação discursiva de cada espaço que os discursos são construídos, com determinados fins em contextos específicos.

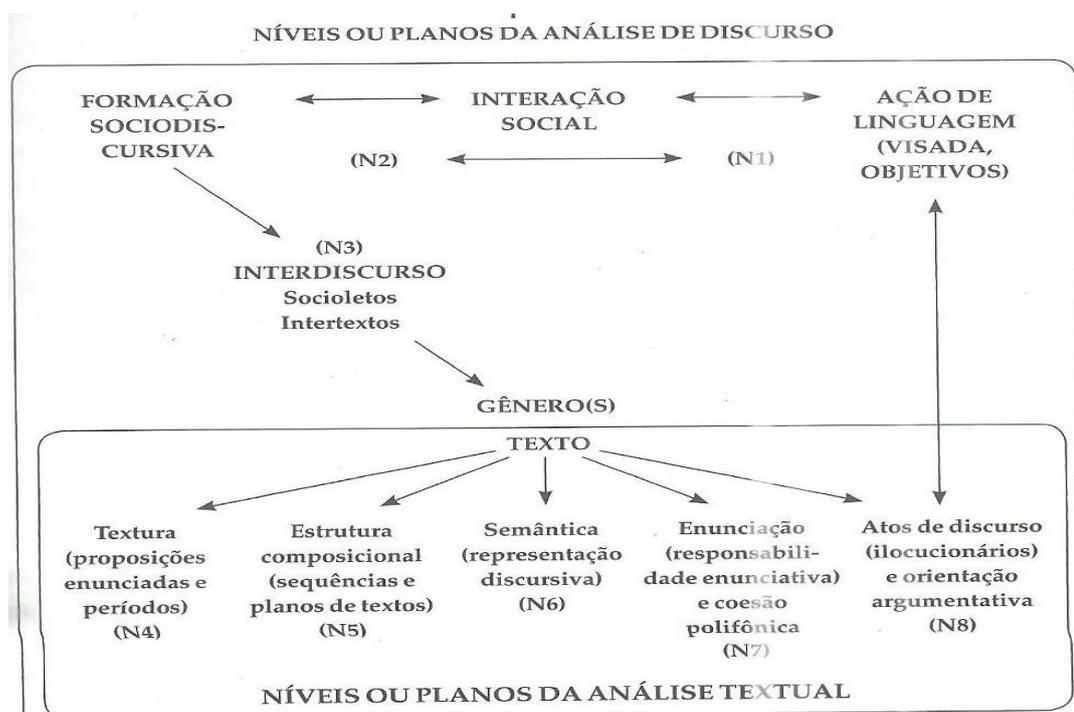
Em seguida, temos o interdiscurso, que atravessa todos os discursos por meio do texto materializado em gêneros textuais. Mussalin (2001, p.127) discute “sobre a realidade da heterogeneidade constitutiva de todo discurso [...] a partir do pressuposto da presença constante do outro na constituição de uma formação discursiva”. Assim, a autora afirma que todo discurso dialoga com outros discursos de diversas formas e mesmo inconscientemente estamos sempre trazendo a fala do outro para o nosso discurso. De acordo com Mussalin (2001, p.131),

os sentidos possíveis de um discurso, portanto, são sentidos demarcados, preestabelecidos pela própria identidade de cada uma das formações discursivas colocadas em relação no espaço interdiscursivo. O sentido vai se constituindo à medida que se constitui o próprio discurso.

Os discursos são formados a partir do meio social em que estamos inseridos, uma vez que surgem nesse meio social e são demarcados por uma formação discursiva e ideológica. Segundo Fernandes (2005), o interdiscurso surge quando estamos construindo o sentido de um discurso e trazemos para ele outros discursos adquiridos em outras formações discursivas, pois cada meio social em que vivemos faz parte de uma formação discursiva diferente que se entrelaçam nas nossas falas. De acordo com o autor, não conseguimos proferir um discurso inédito, sendo que, em algum momento, sempre estaremos nos remetendo a uma vivência ou citação de alguém. Seguindo esse raciocínio, Fernandes (2005, p. 40, grifo do autor) afirma que em muitos momentos “o sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer controle dos sentidos do que fala, mas descobre que a *exterioridade está no interior do sujeito*, em seu discurso está o ‘outro’, compreendido como exterioridade social”. Assim, a interdiscursividade está presente em todos os textos e é indispensável na construção dos sentidos dos discursos.

Por fim, temos o plano de análise textual situada do nível 4 ao 8. Estes níveis são a composição do texto apresentado pela Linguística Textual e que a ATD se apropria para realizar suas análises. No plano de análise textual do esquema 4, observamos: textura (proposições, enunciados e períodos) (N4); estrutura composicional (sequências e planos de textos) (N5); semântica (representações discursivas) (N6); enunciação (responsabilidade enunciativa e coesão polifônica) (N7) e atos de discursos (ilocucionários) e orientação argumentativa (N8).

Rodrigues, Passeggi e Silva Neto faz uma atualização neste esquema 4 na edição da obra em Adam (2011) acrescentando contribuições e mais informações no que se referem às relações entre texto e discurso. Assim, temos, a seguir, o esquema proposto na edição de 2011:



Níveis da análise de discurso e níveis da análise textual  
 Fonte: Adam (2011, p. 61).

O esquema proposto por Rodrigues, Passeggi e Silva Neto em Adam (2011) se distingue do de Adam (2008) com algumas adaptações dos autores. Vejamos que no Nível 1 os autores acrescentam a palavra “linguagem” na palavra “ação” exposta no esquema de Adam (2011) que indica que essa “ação” é por meio da comunicação através da linguagem em suas diversas formas de uso. Também temos a ligação por uma linha dupla relacionando a ação de linguagem, a interação social e a formação discursiva apenas nos níveis 1 e 2. Desse modo, com as substituições entendemos que a interação social já está intrínseca a uma determinada formação discursiva. Nesse sentido, o nível 3 passa a ser o interdiscurso, uma vez que a substituição da palavra “língua” por “socioleto” amplia as ações da linguagem, ou seja, engloba as diversas variações linguísticas; por exemplo, no nosso *corpus* o uso da linguagem é uma variação linguística específica dos remanescentes quilombolas distanciada da variação padrão. Os autores também acrescentam o termo “intertexto” que, como os outros

termos, ampliam os planos de análises de discurso propostos por Adam (2008) no seu esquema.

Por fim, Rodrigues, Passeggi e Silva Neto acrescentam os gêneros no plano discursivo, pois são a partir deles que os textos se materializam para, assim, formar os discursos.

Nosso foco neste trabalho está no nível 5, responsável pela estrutura composicional, ou seja, as sequências e os planos de textos. No entanto, todos os níveis de análises são interligados e se complementam, por exemplo, as nossas análises serão do plano de texto da sequência narrativa do Lobisomem e uma narrativa encaixada na história do lobisomem, mas essa experiência extraordinária leva o contador para o nível da orientação argumentativa que são os usos das proposições enunciadas na intenção de convencer seu interlocutor da veracidade dos seus relatos. A responsabilidade enunciativa também está inserida, pois os remanescentes quilombolas não se intimidam em afirmarem que as histórias são reais, trazendo para si a responsabilidade sobre a veracidade dos seus enunciados, como também diversas representações discursivas no decorrer de toda a narrativa.

A seguir apresentamos a discussão específica sobre a estrutura sequencial-composicional do texto situada no (N5) do esquema 4 de Adam (2011) com foco nas noções de plano de texto, sequência narrativa e narrativa encaixada.

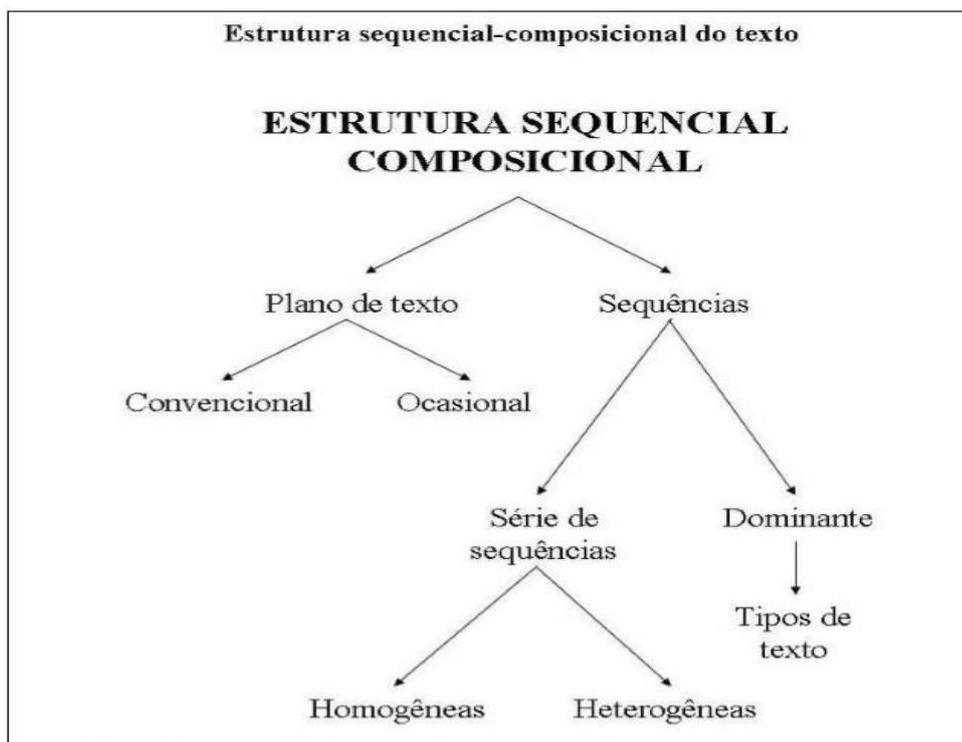
## 2.1 Estrutura sequencial-composicional do texto

Após essa compreensão sobre os níveis do discurso e do texto de forma ampla, a partir de agora apresentamos a discussão relacionada apenas ao (N5) que se refere à estrutura composicional, especificamente a noção de sequências narrativas, planos de textos e narrativas encaixadas, uma vez que nossas análises são realizadas neste nível. Para Adam (2011, p.283) “compreender um texto é ser capaz de passar da sequência (ler-compreender os enunciados como vindo um após os outros) à figura (configuração inteligível de relações)”. Nesse sentido, um leitor não deve se dirigir ao texto apenas para decodificar, mas entender as suas relações com todo o universo discursivo de produção e aplicar os seus conhecimentos enciclopédicos e de mundo para atribuir os sentidos. Dessa forma, o plano de texto se torna fundamental para o leitor compreender a intenção do autor.

Nesta perspectiva, Adam (2011, p. 282) fala sobre a estruturação configuracional do texto, afirmando, a partir de Ricoeur (1980, p. 22), que todo texto pode ser definido como uma “estrutura dialética [que combina] figura e sequência em um ato configuracional”, ou

seja, a forma como o texto é construído direciona a uma compreensão específica do leitor levando em consideração as intenções do produtor. Adam (2011) afirma que é a partir dessa sucessão de enunciados sequenciais formando essa estrutura que o leitor vai conseguir realizar uma possível interpretação do sentido do texto.

O quadro a seguir foi formulado por Passeggi et al. (2010, p. 298), para, a partir da visualização, entendermos melhor a ideia de estrutura configuracional do texto.



Estrutura sequencial-composicional do texto  
Fonte: Passeggi et al. (2010, p. 298).

No quadro, observamos a estrutura sequencial composicional girando em torno de um plano de texto, podendo ser convencional ou ocasional, uma vez que para Adam (2011) os planos de textos desempenham um papel fundamental na composição macrotextual de sentido. É nesta perspectiva que Adam (2011 p. 256), ao falar dos planos de textos, afirma: “os planos de texto estão, juntamente com os gêneros, disponíveis no sistema de conhecimentos dos grupos sociais. Eles permitem construir (na produção) e reconstruir (na leitura ou na escuta) a organização global de um texto, prescrita por um gênero”. Nesta interpretação, o autor coloca a função do produtor/locutor de construir o sentido e a função do alocutário/leitor a de reconstruir, tanto um, quanto o outro com suas finalidades específicas. Seguindo esse mesmo raciocínio no sentido de ampliar a conceitualização, Passeggi et al. (2010, p. 297) informam que “os planos de texto são responsáveis pela estrutura

composicional do texto, sobretudo nos casos em que os encadeamentos de proposições ou períodos não chegam a formar claramente sequências”.

Com estes autores entendemos a que se referem as atribuições dos planos de textos, uma vez que são eles, juntamente com os gêneros textuais, responsáveis pela construção e reconstrução dos sentidos entre locutor/produtor e interlocutor/leitor em uma interação. Ainda referente ao plano de texto, Queiroz (2013, p.31) afirma que

os planos de texto são estudados em sua materialidade e estão relacionados à textura, à configuração, à segmentação de proposições e dos enunciados que formam os períodos, construindo assim o campo composicional, formado pelas sequências de base que encadeiam a unidade semântica do texto.

Nesse sentido, compreendemos que o plano de texto está expressamente no nível textual responsável pela textura, pela parte da segmentação, da organização das ideias do locutor seguindo o padrão exigido de um determinado gênero para que, a partir de uma situação de interação, o leitor construa o sentido e consiga alcançar o objetivo pretendido.

Em Adam (2011, p.258), temos o conceito de plano de texto convencional e ocasional:

um plano de texto pode ser **convencional**, isto é, fixado pelo estado histórico de um gênero ou subgênero de discurso. Mas o plano de texto de um editorial, de uma canção ou de um poema, um texto de uma publicidade, de um discurso político, de uma novela ou de um romance é, com frequência, **ocasional**.

Com esses conceitos entendemos que os planos de textos convencionais os gêneros textuais com pouca flexibilidade, uma vez que os contextos de usos requerem uma maior adequação com a forma, com o uso da linguagem etc. No que se refere aos ocasionais, são os gêneros textuais mais flexíveis, pois os seus lugares de circulação permitem variações linguísticas em relação à linguagem padrão e que eles se transmutem, até mesmo, com outros gêneros.

Seguindo a discussão sobre os planos de textos ocasional e convencional, Queiroz (2013, p.32) acrescenta que

o plano de texto pode ser convencional (fixo), determinado pela história do gênero e/ou pela sua estruturação. Pode ser ocasional, quando é considerado deslocado em relação à história dos gêneros, ou seja, são aqueles mais

flexíveis e propensos a mudarem de acordo com a formação discursiva e o contexto no qual é usado.

A autora discorre que a formação discursiva e o contexto são fatores principais que regulamentam o plano de texto, pois é a partir do lugar onde os discursos circulam em gêneros específicos para cada formação discursiva que cada gênero textual se regula para alcançar seu propósito comunicativo. Desse modo, um gênero fixo dificilmente alcançaria o seu leitor em contextos mais flexíveis, como também, um gênero ocasional não seria cabível em uma situação discursiva formal. Assim, cada discurso demanda uma ordem e estrutura determinada pela história daquela formação discursiva.

Passeggi *et al.* (2010, p. 297) conceituam, como também se preocupam em ilustrar com exemplos, os dois planos de textos. Começando pelos convencionais ou fixos, os autores afirmam:

quanto aos planos de texto fixos, pense-se, por exemplo, na estrutura de um verbete de dicionário, de um artigo científico, das estruturas literárias cristalizadas (estruturas formais da poesia, da dramaturgia) ou, na escritura jurídica, as estruturas da série: petição>contestação>sentença. Os gêneros acadêmicos também pertencem, de forma geral, aos planos de textos fixos.

Em relação aos planos ocasionais, os autores conceituam que estes gêneros

são mais abertos e flexíveis. [...] abrangem o editorial, a canção, as peças publicitárias, o discurso político, o romance. Esses planos, com frequência, fogem à estruturação clara de um gênero ou subgênero de discurso. As partes ou segmentos do texto são marcados por uma variedade de recursos, textuais e peritextuais. (PASSEGGI *et al.*, 2010, p. 297).

Assim, como todos os gêneros têm o seu lugar social de circulação e são formados por planos de textos, necessariamente, esses planos estão intrínsecos aos gêneros e disponíveis para os usuários, a quem cabem conhecê-los e usá-los de forma adequada para alcançar seus objetivos socioculturais discursivos.

Seguindo a compreensão que está posta na figura que trata sobre a estrutura sequencial-composicional do texto, chegamos às sequências que, para Adam (2011, p. 205):

são unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados: as macroposições. A macroposição é

uma espécie de período cuja propriedade principal é a de ser uma unidade ligada a outras macroposições, ocupando posições precisas dentro do todo ordenado da sequência.

As sequências são partes maiores que as proposições-enunciados e menores que o parágrafo, ou seja, são os períodos. Como o autor afirma, essas sequências são formadas por algumas proporções-enunciados; e, com algumas sequências juntas formamos os parágrafos e, assim, os planos de textos são construídos no seu todo.

Para Queiroz (2013, p. 33),

do ponto de vista da composição e organização textual, são as sequências textuais que irão ajudar na formação desses planos, no momento em que estamos construindo nossos textos, pois um texto só é reconhecido como tal na união das suas partes para formar o seu todo significativo em um desses planos.

O sentido do texto é dependente da articulação do microtextual para o macrotextual, tendo em vista que, para Adam (2011), essa organização é interna e se articula na forma de dependência, mas também de independência.

Assim, como podemos ver na figura que ilustra a estrutura sequencial-composicional do texto, as sequências, na construção do plano de texto, são formadas por tipologias textuais que podem ser homogêneas, heterogêneas e dominantes. Para Passeggi *et al.* (2010), um texto pode apresentar apenas uma sequência, mas isso não é comum, pois o habitual é que apresente várias sequências.

Os autores informam que as sequências homogêneas ocorrem quando apresentam apenas uma tipologia textual, ou seja, são apenas argumentativas, narrativas etc. Nas heterogêneas, ocorre o contrário, pois temos mais de uma tipologia dentro da mesma sequência. No que se refere à sequência dominante, ocorre quando, mesmo uma sequência sendo heterogênea, uma se destaca como dominante diante as outras na construção do sentido do texto.

Essa sequência dominante será a que está ligada ao objetivo geral do produtor do texto. Assim, se este locutor/produtor quiser convencer e persuadir, prevalecer a argumentação, mas durante a construção do texto argumentativo, o locutor pode inserir a narração, a injunção, a descrição no seu texto com o intuito de alcançar seu objetivo, ainda que a argumentação seja dominante na construção macrotextual do plano de texto.

Como vimos, Adam (2011) apresenta como se organizam os planos de textos. O autor também discute a organização das sequências descritivas, narrativas e argumentativas. Nosso foco, nesse trabalho, é a sequência narrativa. Portanto, na nossa próxima seção, discutiremos a sequência narrativa e também o conceito de narrativa encaixada, pois serão utilizados em nossas análises.

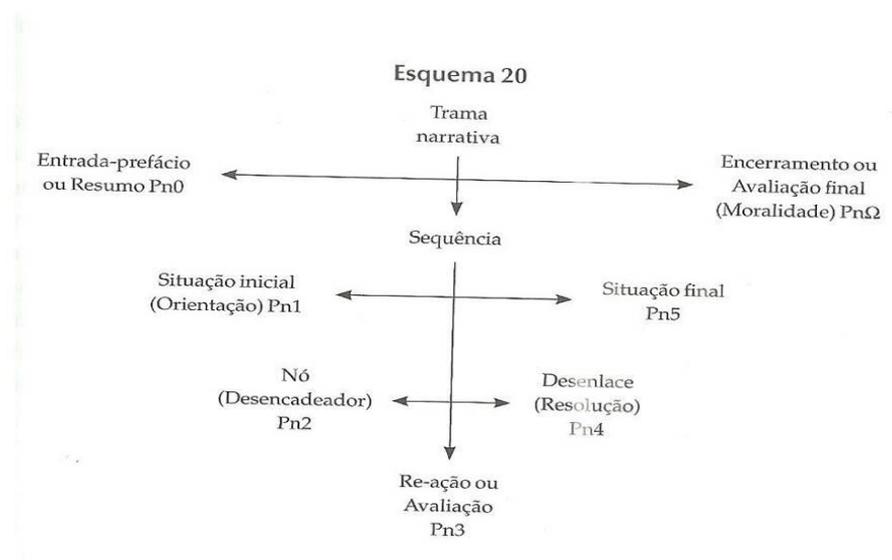
## 2.2 A sequência narrativa e a narrativa encaixada

Esta seção está dedicada à apresentação dos conceitos de acordo com Adam (2011) de como ele propõe a organização da sequência narrativa no todo do plano do texto. Neste sentido, é pertinente começarmos apresentando o que autor conceitua como narrativa.

Toda narrativa pode ser considerada como exposição de “fatos” reais ou imaginários, mas essa designação geral de “fatos” abrange duas realidades distintas: **eventos** e **ações**. A **ação** se caracteriza pela presença de um agente — um ator humano ou antropomórfico — que provoca ou tenta evitar uma mudança. O **evento** acontece sob o efeito de causa, sem intervenção intencional do agente (ADAM, 2011, p. 225).

As narrativas são, assim, construídas ou por uma ação executada por um agente que faz com que a trama seja iniciada ou por um evento que muda a rotina dos personagens e faz a trama acontecer. Ainda de acordo com Adam (2011), uma narrativa apenas com uma série de descrições possui um baixo nível de narrativização, uma vez que para o autor uma história segue a estrutura colocada no seu esquema 20, que apresentamos a seguir.

## Esquema 20



Esquema 20 – Sequência narrativa  
Fonte: Adam (2011, p. 229)

A partir do esquema, percebemos setas duplas entre a entrada-prefácio ou resumo (Pn0) e o encerramento ou avaliação final (PnΩ), como ocorre também no restante do esquema. Com essas setas, notamos que a ordem dos acontecimentos não, necessariamente, segue uma estrutura de início meio e fim. Apesar dessas ordens não serem fixas, Adam (2011) aconselha que na sequência narrativa tenham esses pontos para que o nível de narrativização não se apresente de forma pobre.

Cada ponto da figura refere-se a um momento da narrativa. No Pn0 é o resumo do conteúdo da narração, apresentando o seu todo, que tem uma seta para o PΩ que é o encerramento e a sua avaliação final.

Em seguida, na estrutura da sequência narrativa temos as setas duplas entre Pn1 e Pn5, respectivamente, seria a situação inicial da narrativa ocorrida por uma ação de um agente ou um evento que muda a rotina dos personagens e pela situação final, ou seja, o escritor/narrador pode começar do fim e depois iniciar mostrando como aquele conto ou fábula etc. teve o desenrolar final. Seguindo a apresentação desses conceitos, é necessário que tenha o Pn2 nomeado por Adam (2011, p. 230) como o Nó, “que é introduzido por um marcador típico de desencadeador narrativo”, pode ser uma palavra ou expressão, ou seja, é o momento em que um acontecimento é anunciado e, assim, a trama ou intriga faz a narrativa prosseguir.

A partir do Nó (Pn2) chegamos à Re-ação ou Avaliação (Pn3) dos personagens que, diante do Pn2, reagem para reverter a situação que lhes foi imposta pela trama. Essa Re-ação (Pn3) faz a narrativa se direcionar ao desenlace ou resolução (Pn4). Por fim, a situação final (Pn5), na qual o equilíbrio é restaurado entre os personagens no seio do seu convívio.

No nosso trabalho, fazemos estas identificações acerca da sequência narrativa de uma experiência sobre um enfrentamento entre um remanescente quilombola e um Lobisomem. Nesta história do Lobisomem existe uma narrativa encaixada. Adam (2011, p. 273) elenca uma discussão sobre esse tipo de narrativa afirmando que

a narrativa encaixada pertence a um tipo particular da tradição oral: o conto etiológico, gênero narrativo determinado por um objetivo ilocucionário explicativo. Os contos etiológicos têm por finalidade dar uma resposta às perguntas que o homem se faz sobre as ações humanas, tanto as mais comuns como as mais extraordinárias. Pela narrativa, é o agir humano que encontra uma explicação.

É pertinente o que o autor afirma sobre o objetivo da narrativa encaixada, ou seja, esta não é colocada sem nenhum propósito, mas de forma intencional, ou seja, o seu uso vai além do contar uma história, pois servirá para o locutor explicar um fato ou argumentar a partir da narração. É nesse sentido que a narrativa encaixada pode vir em diversos textos, por exemplo: em palestras, sermões, conferências, discursos políticos, como também dentro de outra narrativa que é o que acontece em nosso *corpus*, uma vez que por meio da análise realizada percebemos que durante a narração a narrativa encaixada que serve para explicar acontecimentos ocorridos durante o combate entre o homem e a fera.

Herrero Cecilia (2006, p. 105), quando discute sobre a organização das narrativas, informa que “El esquema prototípico de organización del *relato* funciona em innumerables textos concretos relacionados a diferentes *discurso* socioculturales”, e ainda “un texto narrativo puede combinar también dos o mas historias paralelas que se van alternando o entrelazando”. Ou seja, é o que ocorre no nosso *corpus*, pois trabalhamos com uma narrativa advinda de um relato de uma história contada por um remanescente quilombola, dentro da qual é possível percebermos outra história paralela à narração principal.

A seguir, apresentamos a nossa análise que foca o plano de texto da sequência narrativa do Lobisomem contada por um remanescente quilombola, como também o plano de texto da narrativa encaixada.

### 3 Análise

Como já dito na metodologia deste trabalho, a narrativa está localizada no inquérito 04 entre as linhas 243d e 422d, contada por um homem de oitenta e quatro anos remanescente quilombola que, a partir de agora, será referido pelo código H84.

Na narrativa, H84 relata que durante a sua mocidade, quando vinha da casa da namorada à noite, teve dois enfrentamentos com um Lobisomem, tendo lutado e fugido da primeira vez, mas vencido a fera em um segundo dia por ter se armado com um bastão de madeira.

Nesse sentido, o remanescente quilombola protagoniza uma narrativa peculiar, pois dentro do seu relato ele encaixa uma fábula para explicar uma habilidade que usou para ajudar a se defender do monstro. Assim, por meio do conceito de narrativa encaixada e com base no nível (N3) que trata do interdiscurso do esquema 4 ambos em Adam (2011), buscamos entender como durante o conto, de uma forma complexa, H84 constrói a sequência de sua história e explica um acontecimento da sua luta com o Lobisomem encaixando de forma interdiscursiva a fábula de “O pulo do gato”.

Assim, destacamos excertos que compõem as duas narrativas para mostrar como ocorre o plano de texto, tanto na narrativa do Lobisomem como na narrativa encaixada. Nos primeiros excertos, mostramos o plano de texto da narrativa do Lobisomem.

Começamos com o Pn0 que se refere a um resumo ou prefácio da narrativa que será contada.

**L243d — L249d Entrada Prefácio Pn0**

H84: Sobre o lubisome ... eu conto que já me atei DUAS NOITE cum um lubisome...

Neste, H84 resume a história antecipando para o interlocutor que se tratará de duas ocorrências do enfrentamento com o Lobisomem.

Em seguida, podemos observar o Pn1 que se trata da situação inicial da narrativa.

**L244d — L249d Situação inicial Pn1**

H84: a primêra passage do lubisome eu vô contá/ eu... cê sabe/ no tempo da mucidade eu mininu novo... rapais/ cê sabe ... o camarada qué rapais num têi hora maicada não... sai de casa a boca da noite chega num... num de madrugada ô o dia amãicê... vĩa no camim andano... eu me atei lá na casa da namorada... TARDE... né?... FORA DE HORA ...

Podemos observar em Pn1 que o narrador, após afirmar que seu relato trata de dois momentos, começa a situação inicial marcando com preposição-enunciado “a primêra passage do lubisome” caracterizando a situação inicial da narrativa.

No quadro seguinte, verificamos que ocorrem o Pn2 e o Pn3, nos quais o Pn2 é classificado por Adam (2011) como o Nó da narrativa, ou seja, é o instante em que um evento ou complicação surge na narrativa, fazendo a manutenção da continuidade da trama. Em seguida, o Pn3 que se trata da Re-ação dos personagens diante do Nó da narrativa.

Adam (2011) afirma que a sequência narrativa não necessariamente segue uma segmentação linear. Nesta perspectiva, observamos que a narrativa do Lobisomem não segue uma segmentação linear, uma vez que o processo linear começa a ser quebrado no momento em que analisamos a Re-ação (Pn3) do personagem diante do Nó (Pn2), pois o Pn3 surge em três momentos distintos da narrativa.

Vejamos o quadro:

**L250d — L252d Nó Pn2 e Re-ação Pn3(1)**

H84: aí no mêi da istrada quano desse fé apresentô-se um cachorro quera desse tamãio ... aí vamu luta... lutei ... lutei... me deitei... me deitei no chão... me arrastei no chão

O Pn2 da narrativa ocorre quando o Lobisomem surge em frente ao H84, fazendo com que ele se dirija à próxima etapa da sequência narrativa, que é o Pn3. Nesse mesmo quadro, já podemos verificar o primeiro momento de Re-ação do H84, que chamamos de Pn3(1), pois ao afirmar “aí vamu luta” o narrador já reage diante da situação de conflito.

O que ocorre no excerto a seguir já está relacionado à segunda vez em que H84 se encontrou com o Lobisomem da narrativa.

Vejamos:

**L269d — L270d Re-ação Pn3(02)**

H84: aí no ôto dia eu me preparei... eu disse... “cê sabe dũa coisa? ... eu vô levá um cacete” ...

No excerto acima, H84 inicia em Pn3(2), continuando a narrativa com a proposição-enunciado “aí no ôto dia eu me preparei...”.

Nesta segunda parte da narrativa, temos os dois últimos momentos de Re-ação, sendo um deles o trecho da linha 269d a 270d referente ao momento da narrativa em que H84 afirma que irá se armar para lutar contra o Lobisomem. Contudo, quando o remanescente quilombola diz “eu vô levá um cacete ...”, a narrativa dá uma pausa, entre as linhas 270d e 378d, pois ele começa a falar dos seus treinamentos para, se convocado para a guerra, conseguir sobreviver. Nesse sentido, ele cita o seu pulo chamado “O pulo do gato”. Assim, a narrativa do Lobisomem para e a última Re-ação só retorna após ser lembrada pelo entrevistador.

Trataremos da narrativa encaixada após terminarmos a análise sobre as segmentações do plano de texto. Após a narrativa encaixada do pulo do gato, o entrevistador questiona na linha 355d “E a história do Lobisomem? ... e o resultado do Lobisomem?”. Assim, H84, para retomar a narrativa, faz mais uma vez um resumo de toda a primeira parte.

Vejamos o quadro em que temos um excerto desse resumo:

**L355d — L361d Resumo Pn0**

E: E a história do lobisomem? ... e o resultado do lobisomem?

H84-06: Ah! ... véi e o lobisome foi isso... na primêra noite eu arrisisti mais ele... no ferro... eu era mais moço... num tã aima... num tã ninguêi... porque o que fais medo ao lubisome é arma de fogo... mais faca e cacete... é precisava o câmara sê... sê distinto no coipo... acredita? ... e nesse dia quano ele me apresentô na primêra noite eu risisti mais ele no ferro... pulei pra lá e pra cá e ficô muito tempo... véi... nós pulano... nesse tempo nós fazia... vĩa fazeno destreza no coipo... né? ... pra quano nós chegasse no ixécito nós num dá trabaio...

Após esse segundo resumo H84 situa seu interlocutor novamente na trama da narrativa para, assim, continuar a história. Desse modo, ele inicia a última Re-ação que temos em um quadro a seguir.

**L378d — L382d Re-ação Pn3(03)**

H84: quano chego no mermo canto... véi... o cachorrão se apresentô... marreu já ia preiparado... se me cüiecesse... ((incomp.)) e quano ele se apresentô ... eu desabutuei aqui a manga da camisa o cacete deceu/ agora fumo rolá/ eu caía num canto bolava no chão... e eu fiquei firme... ô bicho teimoso o lubisome... vaLENTE... vige

Essa Pn3(3) leva ao Pn4 que Adam (2011) denomina de Desenlace, ou seja, é o momento em que o personagem da narrativa, por meio da Re-ação, consegue sair do momento de conflito.

Vejamos como ocorre o Pn4 no quadro a seguir:

**L385d — L390d Desenlace Pn4**

H84: quano eu me levantava o bicho vĩa... e tocô de sorte quano eu me istarrachei no chã/ quano eu me tarrachei no chã que o bicho avuô im cima deu taquei o cacete nele... véi... vige/ quano eu taquei o cacete nele/ aí... véi o cacete pegô... véi... quano o cacete pegô certo que pegô mermo im chei mermo aí eu me saí ((incomp)) queu fiquei assombrado... véi... o bicho saiu cum ùa roncaria... véi... queu diche... “vige Nossa Sĩa”...

Como Adam (2011) afirma, todos os pontos da narrativa têm uma simetria. Assim, o desenlace da narrativa (Pn4) tem uma simetria com a Re-ação, ou seja, H84 conseguiu fazer o Lobisomem fugir com o bastão que ele tinha resolvido levar para a casa da namorada.

A seguir, temos um excerto com o Pn5 que, para Adam (2011) é o momento final da narrativa. Em Pn5 o equilíbrio é restaurado diante da ação e do desenlace da narrativa.

**L411d — L412d Situação final Pn5**

H84: Pronto eu num vô mais im casa... não... cheguei... “Sĩa Conceição... Sĩa Conceição... acorda... queu vô durmi aqui...”

A situação final decorre quando H84 afirma que teve medo de continuar indo para a sua casa e, assim, dormiu na residência dessa senhora “Sĩa Conceição...” que ele insere neste momento da narrativa.

Nesta narrativa, o plano de texto segue a simetria sugerida por Adam (2011, p. 228), pois o autor disserta que “a base Pn1 é dinamizada por Pn2 e conduz a um estado transitório Pn3, que se interrompe, ele próprio, sob o efeito de Pn4, que leva ao final Pn5”. Assim, entendemos que é nesta simetria que está o plano de texto da narrativa do Lobisomem.

Por fim, PnΩ que se trata do encerramento da sequência narrativa, no quadro seguinte.

**L417d — L422d Encerramento PnΩ**

H84: ... fui chegá im casa no ôto dia... aí ele disse... Mané... aonde durmiu? ... lá na casa de Sĩa Conceição ... aí eu digo/ lá fumo ((ri)) ... aí eu diche ... “eu durmi ali lá na casa de Sĩa Conceição... im Sĩa Conceição ... cheguei agora”... e cumo de fato... véi... nesse povuado/ mar foi no cacete! ... mar... têi ùa coisa só peguei ele no cacete porque eu já tĩa risistença no coipo... risistença de munto tempo... só peguei ele porque eu tĩa risistença no coipo... porque se num tivesse/

Assim, H84 encerra o seu relato, afirmando que, devido ao medo, não completou o caminho até a sua casa naquela noite, dormindo na casa de uma senhora conhecida de sua família. Também ressalta o fato de ter vencido a luta por causa do bastão de madeira e porque tinha um corpo resistente. Essa resistência que H84 diz ter é referente aos treinamentos que, segundo ele, fazia com os amigos nos riachos de areia próximo aos açudes das comunidades e, nestes treinos, aprendiam a dar o pulo do gato.

Nesse sentido, buscamos entender a forma intertextual da fábula do pulo do gato no plano de texto da sequência narrativa do Lobisomem. Primeiramente, é preciso contextualizarmos do que se trata o gênero fábula e quais características esse gênero apresenta. A fábula é um texto de ficção em que os animais falam e no seu final tem um aspecto moral. Nesse sentido, no excerto a seguir, mostramos que nesta fábula contada pelo remanescente quilombola estes dois aspectos aparecem.

o gato respondeu... “se eu tivesse insinado você tã me cumido hoje”

Este trecho é referente ao final da narrativa. Nele, observamos que o gato fala, e, também temos a apresentação da moral da história que seria o fato de que o gato teria sido pego pela onça se estivesse ensinado o pulo do gato para ela.

Ainda contextualizando a narrativa encaixada, é preciso entendermos o porquê da narrativa “O pulo do gato” ter surgido durante a narrativa do Lobisomem. Com esta intenção, expomos o quadro seguinte.

**Contextualização da narrativa encaixada L270d — L301d**

H84: [...] eu vô levá um cacete” ... porque nesse tempo... já tã iexerciços pra arrissisti no ixécito que nesse meu tempo nós uvia falá que quano chegava a idade de vinte ano de vinte e um ano nós tã que caí no sustento...

aí nós cumbinamo aqui ãa parte da mĩa idade “fazê exercício aqui qué pra quano nós chegá no ixército num dá trabaio”

... cansei de dá salto mortal quano eu passava a mão assim caía praculá... caía im pézim... credita? ... e de costa tambêi/ quano eu inveigava o coipo ... o coipo pra tráis ... caía im pé... quano eu caía im pé já era já fazeno ôto movimento pra pulá pu ôto lado... né? ... e o pulo do gato é que era... quano eu caía im pé pa pulá o pulo do gato/ que tã o pulo do gato aí que defende muita coisa/ quano nós caía im pé precisava preicuré o pulo do gato...

E: Como era esse pulo do gato?

H84-06: De banda! ... no próprio instante queu pulava daqui pra culá... se caí im pé ligêramente nós precisava pulá de banda... é pulá de banda é/... porque se nós num pulasse de banda num sabe... o pulo do gato... véi...

É possível percebermos que H84, no decorrer da narrativa do Lobisomem, no momento que afirma: “eu vô levá um cacete”, ele para de narrar sobre o Lobisomem e começa a encaixar a fábula do pulo do gato.

O contexto citado pelo H84 acima provavelmente é entre 1939 e 1945, ou seja, o período da segunda guerra mundial em que, segundo H84 alguns dos remanescentes quilombolas foram convocados para servirem ao exército. Dessa forma, eles ao completarem 21 anos, por conta própria, treinavam para ter uma probabilidade maior de sobreviver à guerra. Assim, o pulo do gato que ele afirma ter usado contra o Lobisomem seria uma agilidade que os remanescentes quilombolas aprendiam com o intuito de usarem nos possíveis momentos críticos da guerra.

Diante disso, ao ser questionado pelo entrevistador “E: Como era esse pulo do gato?”, H84 começa a narrar essa fábula. Nesse momento, entramos no N(3) do esquema 4 de Adam (2011) que se refere ao intertexto e também ao socioleto. Assim, temos o intertexto com a fábula do pulo do gato contada por meio do socioleto próprio do remanescente quilombola.

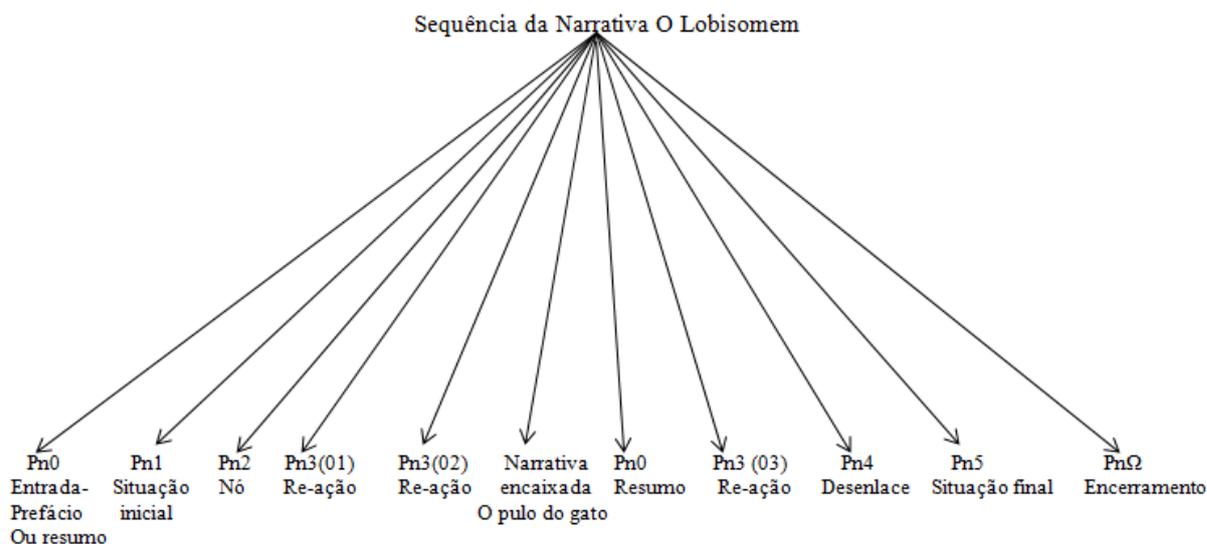
Foi possível percebermos que a forma como H84 encaixa a narrativa do pulo do gato segue também a segmentação do plano de texto da sequência narrativa de Adam (2011). Nesta perspectiva, produzimos o quadro a seguir, no qual apresentamos a narrativa encaixada já em suas devidas segmentações referente ao plano de texto da sequência narrativa.

<b>Sequência da narrativa encaixada do pulo do gato</b>
<p><b>Pn0 Entrada-prefácio ou Resumo</b></p> <p>é o derradêro pulo que hove... foi o pulo do gato... que a onça premeteu de pegá o gato... marro quê? ... o gato inganô a onça... o gato premeteu... lutô cum a onça muntu tempo...</p>
<p><b>Pn1 Situação inicial</b></p> <p>o gato insinô a onça ... insinô todo o pulo... véi... marro pulo do gato ela num insinô... acredita?... aí a onça disse...</p>
<p><b>Pn2 Nó</b></p> <p>“eu vô pegá a camarada vizĩa a gata”... foi pra trás... né? ...disse ... “eu vô pegá a camarada vizĩa a gata... é eu pego” ... marro quê? ... no próprio instante im que... se pulá e disistire no centro muito mais aí fôro simbora... né? ... aí a onça disse ... “eu vô pegá a camarada vizĩa a gata... eu vô pegá ela” marro quê? ...</p>
<p><b>Pn3 Re-ação</b></p> <p>quano a onça pulô pra pegá o gato... o gato negô o coipo de banda... né? ... que o gato pulava de frente aí ela/ aí o gato pulô de banda</p>
<p><b>Pn4 Desenlace</b></p> <p>aí a onça disse ... “vige... camarada gato e você num me insinô esse pulo daí não” ...aí</p>

ah!...
<b>Pn5 situação final</b> o gato respondeu... “se eu tivesse insinado você tã me cumido hoje” ((ri)) e tã mermo... véi... tã mermo... tã cumido...
<b>PnΩ Encerramento</b> aí a/ o gato pulô de banda e a onça saiu... foi simbora inda ficô maicano ... ele disse... “nôta viaje eu pego ela” ... mais pegô nada... home... o pulo do gato nera pra todo mundo... não...

O objetivo de encaixar essa narrativa foi para responder a um questionamento do entrevistador sobre o pulo que ele usou durante a luta com o Lobisomem, mostrando ter resistência no corpo, pois treinava com os colegas. Nesse caso, esta narrativa localiza-se no N(8) do esquema 4 de Adam (2011), pois a narrativa é usada, aqui, como orientação argumentativa, uma vez que este remanescente quilombola pretende convencer o seu interlocutor da veracidade de seu relato sobre a luta com o Lobisomem. Assim, mostrando que conhece a narrativa para, a partir dela, argumentar que usou esse pulo, tanto para fugir do Lobisomem, como usaria se caso tivesse sido convocado para a guerra. Ao contar a fábula, seus argumentos se tornariam mais consistentes e dignos de aceitação do outro.

Assim, para finalizarmos nossa análise, apresentamos o esquema do plano de texto da narrativa do Lobisomem com a narrativa do “Pulo do gato” encaixada.



No esquema acima, observamos o plano de texto que esta narrativa segue, contendo todos os pontos delimitados por Adam (2011), sem seguir uma ordem direta. É possível também verificar que a narrativa encaixada presente nesta narrativa exigiu mais um resumo

(Pn0), pois H84 sentiu a necessidade de resumir o que já tinha contado para, só após, continuar a história.

## **Conclusão**

Este trabalho teve como objetivo analisar o plano de texto da sequência narrativa do Lobisomem contada por um remanescente quilombola de Portalegre/RN e também uma narrativa encaixada. Nossos dados revelam que o plano de texto que compõe a narrativa do Lobisomem segue a simetria dinâmica sugerida por Adam (2011), uma vez que, na narrativa, uma segmentação conduz a outra para que ocorra a continuidade, mas sem a necessidade de estar em uma ordem contínua. Desse modo, o plano de texto da sequência narrativa em questão segue a seguinte ordem: Pn0, Pn1, Pn2, Pn3(1), Pn3(2), narrativa encaixada do pulo do gato, Pn0, Pn3(3), Pn4 e Pn5.

No resumo (Pn0) o narrador apresenta, em poucas palavras, uma visão geral da narrativa, colocando que se encontrou duas vezes com um Lobisomem. Após esse resumo, H84 começa a contar uma experiência por vez. Em seguida, o senhor se dirige à situação inicial (Pn1) que é a volta à noite da casa de sua namorada. O Nó (Pn2) da sequência narrativa do Lobisomem ocorre no momento em que H84 afirma ter encontrado essa fera no meio do caminho e, assim, desencadeia a trama, tendo a sua continuidade nos próximos segmentos.

A Re-ação (Pn3) do personagem diante da situação de conflito criada dentro da narrativa acontece em três momentos neste relato do Lobisomem, uma vez que entre a Pn3(2) e Pn3(3) o narrador encaixa a narrativa “O pulo do gato”, utilizada como orientação argumentativa. Na primeira Re-ação, ocorre uma luta braçal entre o homem e a besta, na segunda, o remanescente quilombola, diante do fracasso na primeira Re-ação, se arma para o próximo combate. Em seguida, ele para o seu relato e encaixa outra narrativa. Após essa narrativa encaixada, H84 sente a necessidade de fazer outro resumo antes de continuar com a trama. Desse modo, após esse resumo, ele expõe a última Re-ação, na qual diz que consegue espantar a fera e salvar a sua vida. Por fim, chegamos ao Pn5 que é a situação final, que se trata do momento em que H84, por medo do Lobisomem voltar a atacar, dorme na casa de uma senhora conhecida de sua família. O encerramento Pn $\Omega$  ocorre com a chegada do personagem em sua casa só no outro dia, precisando, assim, explicar ao pai qual motivo o fez dormir fora de casa.

Em relação à narrativa encaixada presente dentro desta narrativa, percebemos que é usada como orientação argumentativa para H84 mostrar que conhecia a habilidade usada durante a luta com o Lobisomem, contando a fábula do pulo do gato, que também é uma narrativa contada pelos pais do H84 ainda na sua forma oral, pois esse senhor não sabe ler e, portanto, nunca teve acesso à forma escrita desse texto.

## **Referências**

ADAM, J. **A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos**. Trad. RODRIGUES, M. G. S.; SILVA NETO, J G; PASSEGGI, L.; LEURQUIN, E, V. L. F. São Paulo: Cortez, 2011.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B; SOUZA-E-SILVA, M, C. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2011.

FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. (Org.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003, p. 21-34.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, E. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.

HERRERO CECÍLIA, J. **Teorias de pragmática, de linguística textual y de análisis del discurso**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilha-La Mancha, 2006.

MAZZOLA, R, B. Análise do Discurso: um campo de reformulações. In: MILANEZ, N. SANTOS, J, J. **Análise do Discurso: objeto, sujeito e olhares**. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 7-16.

MUSSALIN, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIN, F.; BENTES, C. (Org.) A. **Introdução a linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 101-141.

PASSEGGI, L. et al. A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: LEITE, M. Q.; BENTES, A. C. (Org.). **Linguística de texto e análise de conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

QUEIROZ, M. E. **As representações discursivas do locutor e dos alocutários no discurso político de renúncia (Antônio Carlos Magalhães)**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

PECHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2.ed. Tradução de Eni P. Orlandi [et. al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. (Coleção Repertórios).

RODRIGUES, M, G, S; PASSEGGI, L; SILVA-NETO, J, G. “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, J; HEIDEMANN,

U. MAIGUENEAU, D. **Análises textuais e discursivas**: metodologias e aplicações. São Paulo: Cortez, 2012, p. 150-187.

SOUZA, M; MENDES, W, V; FONSECA, C, M, V. **A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil**. Mossoró: Edições UERN, 2011.

Data de recebimento: 30 de junho de 2016.

Data de aceite: 02 de setembro de 2016.